

**Leonardo Boiko**

*Vida na corte no período Heian*

São Paulo

2011

Leonardo Boiko

*Vida na corte no período Heian*

Trabalho de Cultura Japonesa I, turma  
2011101 (19:30)

Professor: Koichi Mori 森 幸一

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

2011

# *Sumário*

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	p. 3
<b>2</b>	<b>Situação política, econômica e social</b>	p. 4
<b>3</b>	<b>Religião e superstição</b>	p. 7
<b>4</b>	<b>Vida na corte</b>	p. 9
	<b>Referências Bibliográficas</b>	p. 13

# 1 *Introdução*

Na classificação histórica japonesa, o período Heian (*heian jidai* 平安時代) vai de 794 CE, quando a capital imperial foi movida para Heian-kyō (atual Kyōto), até 1184 CE, com a ascensão do clã militar Minamoto ou Genji 源氏. Se comparada com suas contemporâneas ao redor do mundo, a sociedade Heian deixou uma documentação histórica singularmente rica (1, p. 141). Isto se deve ao fato de que a aristocracia do Japão mantinha um estilo de vida que se ocupou sobretudo das artes, incluindo a literatura, que para nós pinta um quadro bastante detalhado do dia-a-dia dos nobres. Trata-se, porém, de um quadro idealizado, não tanto realista quanto prescritivo (2), e completamente parcial para a casta aristocrática. Os registros da época praticamente não dão atenção à sociedade fora dos muros da capital. (1, p. 83–86)

Este trabalho faz uma breve apresentação do cotidiano da corte, de acordo com o que é possível deduzir da literatura e outros documentos históricos. A seção 2 introduz o contexto político subjacente, e a seção 3 trata das crenças religiosas e tabus sempre presentes na vida dos nobres. Por fim, a seção 4 apresenta uma visão geral de como era tal vida.

## 2 *Situação política, econômica e social*

O Japão nos períodos anteriores havia tentado construir localmente uma sociedade burocrática seguindo o modelo chinês, e a cultura da China exerceu grande influência no período Heian. Era, porém, uma imitação que no período Heian começava a ser seletiva, adaptando as práticas continentais para as realidades e costumes locais. Heian olhava sobretudo para a dinastia chinesa passada, a civilização Táng, e sua grande capital Cháng'ān foi o modelo para o planejamento urbano da capital Heian (assim como para as suas antecessoras)<sup>1</sup>. Em 894 o governo japonês parou de enviar emissários para a China, fazendo com que a cultura chinesa preservada no Japão congelasse na cultura Táng. Essa decisão também levou ao florescimento de inovações sociais e artísticas independentes.

Heian tornou-se cada vez mais introspectiva; os japoneses da corte tinham pouco interesse na vida fora do país, e menos ainda nas províncias rurais. No Makura no Sōshi de Sei Shōnagon há uma lista de mais de cem locais “famosos”; mais de três quartos estão em províncias adjacentes à capital. O Monte Fuji, na província mais oriental de Suruga, não é sequer mencionado (1, p. 18). O transporte era muito difícil e arriscado, inclusive por problemas com assaltantes de estrada e piratas, de forma que até mesmo uma viagem de poucos quilômetros a algum monastério próximo era considerada uma jornada árdua, e os nobres preferiam viver na capital o máximo possível.

No princípio do Estado imperial, a família imperial japonesa não se destacava muito dos demais clãs poderosos, sendo uma espécie de “primeira entre pares”. Depois da reforma de Taika, em 645 CE, a família real passou a ser oficialmente instaurada como centro do poder. Porém, a cultura dos clãs estava enraizada e o poder hereditário das famílias permaneceu subjacente e crescente. Com o passar do tempo o poder político real foi sendo tomado pelos clãs poderosos, notoriamente os Fujiwara, enquanto a corte

---

<sup>1</sup>O sufixo *-an*, 安, foi tomado de Cháng'ān 長安.

era reduzida a um papel puramente simbólico, cultural e religioso.

O fundador do clã Fujiwara, originalmente chamado Nakatomi no Katamari, participou do golpe que removeu do poder, mediante assassinato, o clã Soga, instaurando em seu lugar Naka no Ōe, doravante chamado Imperador Tenchi. Tenchi concedeu-lhe então o sobrenome *fujiwara*, “campo de glicínias”, apocrifamente em referência ao campo onde elaboraram seus planos. A família imediatamente engajou-se em intriga política, disputando o poder com outros clãs, com o clero budista de Nara e entre facções internas, até que (depois de três séculos) a facção do norte conseguiu estabelecer-se como dominante. Em 967 CE Fujiwara no Saneyori elevou-se a regente (*kampaku*), um cargo recém-criado que pode ser tomado como a transferência do poder político real para o clã (1, p. 74).

O principal método de ascensão social foi a chamada “política de casamento”. Os Fujiwara arranjavam para que as consortes imperiais fossem escolhidas entre mulheres de seu clã, de forma que o sogro ou avô do imperador era quase sempre um Fujiwara. O clã também fazia com que os imperadores subissem ao trono muito jovens e abdicassem cedo (geralmente por volta dos trinta anos), o que ajudava a mantê-los manipuláveis pelos regentes. Fujiwara no Michinaga chegou a casar quatro filhas com imperadores, e três de seus netos subiram ao trono. Os Fujiwara nunca, porém, tomaram o trono para o próprio clã, e optaram por explorar das sombras o prestígio da família imperial.

A sociedade da corte era polígama, e tanto o Imperador quanto os nobres normalmente mantinham várias esposas—uma principal e várias secundárias ou concubinas. No caso do Imperador isso resultou na existência de várias cortes imperiais, uma para cada esposa, que com freqüência engajavam-se em amargas rivalidades. Relações amorosas extra-conjugais eram comuns, e tanto homens quanto mulheres encontravam-se com diversos amantes, com pouca ou nenhuma recriminação social (1, p. 214–).

As posições sociais eram rigidamente codificadas e determinavam completamente o estilo de vida dos nobres. O grande objetivo da intriga política era conseguir ascender às posições superiores. Os nobres de posição baixa eram ridicularizados, assim como os das províncias, e as pessoas sem posição (*tadamono*) eram tidas como praticamente outra forma de vida. Morris diz que a valorização pelo cargo era tão abrangente que “chamar isto de ‘esnobismo’ é subestimar seu escopo” (1, p. 68).

As posições no governo, porém, logo tornaram-se puramente formais, sem envolvimento prático com as decisões e planejamentos do governo. Por exemplo, a polícia imperial era ineficaz e o exército inexistente. Para manter a ordem o governo com freqüên-

cia dependia do auxílio dos clãs militares das províncias, como os Minamoto, o que foi um dos fatores que levou ao crescimento desses clãs até que eles tomassem o poder, instaurando o xogunato (3). Os procedimentos formais, contudo, eram extremamente elaborados e seguidos à risca. No *Genji Monogatari* descrevem-se homens entediados com tais tarefas administrativas, e desejosos de mais tempo para se dedicar às artes e amantes. Contudo, também fica claro que as responsabilidades administrativas eram vazias.

Quanto à economia, o poder da corte dependia do controle das terras de arroz. Embora a mentalidade nobre pouco se importasse com assuntos rurais, o comércio era incipiente, e o arroz era o principal bem econômico. O sistema de terras públicas da reforma Taika havia se erodido muito rapidamente, incapaz de eliminar o poder dos clãs privados e do clero. A nobreza e os sacerdotes detinham terra livre de impostos, permitindo o acúmulo de riquezas. Pela metade do período cresceu o poder das “senhorias” (*shōen* 莊園), propriedades particulares sem impostos que atraíam a vassalagem de outros proprietários menores—pois o imposto cobrado pelo clã seria mais atraente que aquele do governo. Ao final da era Heian cerca de 80% do território japonês era senhorial (1, p. 75). O fluxo de renda através dessas hierarquias latifundiárias era a principal fonte de riqueza que sustentava a aristocracia.

### 3 *Religião e superstição*

A família imperial, como notado acima, embora cada vez mais destituída de poder político, detinha notável importância religiosa. A palavra nativa para “governo”, *matsurigoto*, significa “assuntos de cerimônias [xintoístas]”, e o Imperador, considerado descendente da deusa-sol Amaterasu Ōmikami, era o equivalente xintô de um sumo-sacerdote. Boa parte de seu tempo era dedicada a ritos religiosos.

A cultura Heian já sincretizava indistintamente influências nativas, budistas, taoístas e confucionistas. Em uma cena do *Genji Monogatari*, a personagem Ukifune é impedida de visitar um templo (budista) devido à impureza da menstruação (que é ritualmente impura no xintoísmo) e a um sonho inauspicioso (superstição); enquanto suas damas preparam-se para a visita praticando vegetarianismo (idéia budista) e purificação cerimonial (xintoísta), mas esses esforços são negados por um tabu (1, p. 92).

Esse tipo de crença e tabus era muito presente no dia-a-dia da corte. Havia, por exemplo, um elaborado sistema de geomancia que considerava certas direções favoráveis ou não—o nordeste da capital, direção negativa, foi protegido pela construção de inúmeros templos nas montanhas. Em determinado dia alguma direção poderia ser considerada inauspiciosa, e para deslocar-se naquele sentido o nobre teria que traçar um plano sofisticado de desvios em direções auspiciosas que balanceassem. Ao sistema de calendário sexagenário importado da China eram atribuídas propriedades místicas pelos conceitos taoístas de *yīnyáng* (jap. *inyō*), dos cinco elementos, e dos doze animais zodiacais. Eram praticadas astrologia e adivinhação, que informavam decisões da corte. Os nobres do período Heian acreditavam em vários tipos de espíritos e entidades mágicas, como as raposas, e também na possessão, como os *mononoke* que invadem as mulheres do *Genji Monogatari* e as permitem expressar sentimentos normalmente reprimidos (4).

Como exemplo de crença no sobrenatural, o “Registro de magia de raposas” (*Kobi no Ki*), obra escrita em ca. 1107 CE por Ōe no Masafusa, registra como fatuais casos

como:

- “Banquete das raposas” (*kitsune no daikyō* 狐の大饗), nos quais as raposas das redondezas da corte fizeram falsos festivais, disfarçando magicamente esterco e ossos de cavalos como iguarias;
- Raposas que personificaram jovens damas, denunciadas posteriormente por deixarem pegadas animais, e cujo presente de um leque revelou-se um osso, adoecendo e matando a vítima;
- Cavaleiros misteriosos que cobrem o rosto e desaparecem ao serem interrogados;
- Uma velha viúva que convida um monge para um serviço budista e jantar, no qual o monge, ao tocar o sino, descobre que as lanternas da casa são azuis e a comida era sujeira; e no dia seguinte a casa inteira tinha desaparecido.

O budismo japonês era bastante modificado, e seus ideais de abandonar os bens desta vida foram substituídos pelo vitalismo do xintô e do confucionismo. As seitas principais eram esotéricas, Shingon e Tendai. O nobre típico não dava grande importância à filosofia religiosa, e seguia as práticas mais como costumes formais; os suntuosos festivais Shingon eram particularmente apreciados. Porém, as idéias budistas de karma e da “impermanência das coisas” exerceram bastante influência na arte Heian. Entre o povo, foi nesta época que cresceu o budismo Terra-Pura, cuja promessa de salvação no paraíso era atraente para a difícil vida dos plebeus. Contudo, as atitudes xintoístas permaneciam como nota dominante para a maior parte da população, cuja cultura era muito menos afetada por idéias continentais do que a da corte.

## 4 *Vida na corte*

Os nobres polígamos instalavam suas esposas em grandes mansões; a noção japonesa de “luxo”, porém, era bastante mais espartana que os equivalentes ao redor do mundo, e a arquitetura *shinden* era esparsa e elegante. As esteiras de palha (*tatami*) não eram usadas ainda para cobrir todo o chão, mas apenas nos lugares onde os nobres de casta mais alta se sentavam. As mulheres nobres em geral não se mostravam, e recebiam visitantes ocultas por biombos. Há muitos relatos de nobres que se apaixonam e mantêm longos cortejos sem nunca ter visto a dama, embora também se fale de muitos casos em que as regras foram quebradas e o homem espiou secretamente uma beleza por quem se atrai.

Há pouca informação sobre a dieta, pois comida era considerada um assunto vulgar. Sabe-se que o arroz branco e polido era essencialmente restrito aos aristocratas, e eles já preparavam pratos como os bolinhos *mochi*. Nozes, algas e frutas eram consumidas amplamente. A restrição budista quanto à carne era respeitada de forma ambígua; não se consumia bife ou porco, mas eram permitidas aves de caça como a codorna e o faisão, e o peixe era um prato fundamental, preparado cozido, assado, ou em conserva. Não se consumia peixe cru. Já naquela época a arte culinária japonesa colocava muita ênfase na apresentação visual. O saquê feito de arroz era muito popular, e a literatura abunda em relatos de festas e banquetes com alto consumo de álcool, jogos de bebedeira etc. O calendário era salpicado por inúmeros ritos e festivais de várias origens—folclórica, chinesa, xintoísta, budista, confucionista etc. (1, p. 154). Tais festivais com frequência eram adaptados ao gosto da corte e transformados em banquetes e eventos artísticos. Tal foi o fato, por exemplo, do festival do crisântemo (*chōyō* 重陽, “festival dos dois sóis”), celebrado no nono dia do nono mês. O número 9 era considerado “solar” (*yáng*) na China, e o festival nasceu como um rito taoísta que visava eliminar o excesso de energia solar através de cerimônias, peregrinação, e o consumo do vinho consagrado de crisântemos. Na corte Heian este festival tornou-se um banquete festivo, com competições de poemas e grande consumo de bebida.

As horas tinham pouca importância para os nobres, e com frequência a literatura descreve noites passadas em claro conversando, bebendo, tocando música ou na cama com um amante, sem preocupações com os afazeres oficiais do dia seguinte. A maior parte das pessoas, inclusive os nobres, não tinha consciência da hora exata. A vida aristocrata se passava na capital, em geral dentro de aposentos, com pouca preocupação com o mundo externo, com problemas técnicos, científicos ou administrativos.

A vida familiar era extremamente formal e com pouca intimidade, inclusive em famílias privadas. Era comum que membros de determinada família nunca se vissem, e se comunicassem apenas por notas e poemas. No *Genji Monogatari*, Yūgiri vive por dez anos na mesma casa que sua madrasta Murasaki sem nunca a encontrar.

A cultura da corte era marcada por um espírito lúdico (*asobi-kokoro*), e eles praticavam inúmeros jogos e distrações para ocupar o grande tempo livre. Jogos populares incluíam o xadrez chinês, *go*, e o gamão chamado *sugoroku*. Os jogos com frequência testavam conhecimentos culturais, como o *infutagui*, no qual os participantes tentavam adivinhar um caractere oculto em um poema chinês (*shi* 詩), ou adivinhar um componente de um caractere a partir do outro. Uma grande categoria de jogos eram as competições ou *awase*, nas quais dois times apresentavam itens que eram comparados dois a dois como em um torneio, até escolher um vencedor a ser premiado com seda ou outros bens. Para a literatura foram famosas as competições de poemas japoneses (*uta-awase*), que podiam estabelecer ou arruinar a reputação de um nobre; mas haviam também diversas “competições de coisas” (*mono-awase*) incluindo passarinhos (*kotori-awase*), raízes de íris (*ne-awase*) e assim por diante. Havia uma espécie de jogo de futebol (*kemari*) com uma bola de couro, que os jogadores tentavam evitar que tocasse o chão; e também o protótipo da luta sumō, que os nobres assistiam importando lutadores das províncias (1). Competições de arco-e-flecha eram populares entre membros da guarda. Muitos desses jogos vieram a ser motivos de apostas, especialmente dados e brigas de galo.

As artes preenchem um papel de sumária importância no dia-a-dia dos nobres, e o discernimento e bom gosto para encontrar algo “interessante” (*okashi* (5)) era a marca de um bom cavalheiro ou dama (*yoki hito*). Alguém inapto nas artes seria rejeitado não só como amante mas também sofreria ostracismo social. Dentre as artes, a poesia era especialmente importante, e era necessário compor poemas *impromptu* em diversas situações. Outras artes de elevada sensibilidade incluíam a música, vários tipos de dança (nativas e importadas), a prática da combinação de perfumes e a arte de combinar

vestimentas—por exemplo, a indumentária feminina chamada *jūnihitoe* era um robe de doze camadas, e havia um sistema complexo de harmonização das cores e padrões das golas e outras partes salientes.

A arte da escrita na época era indiferenciada da caligrafia (6), e o Makura no Sōshi mostra uma cena na qual um nobre é motivo de risadas por sua má letra, mesmo sabendo compor poemas. Até mesmo o suporte (papel) era avaliado como parte da obra, e um nobre poderia ser elogiado pelo bom gosto na escolha de um papel elegante e perfumado. Havia duas formas principais de escrita, a cursiva abreviada (*kana*) e a formal e regular (*mana*). Hoje o *kana* é considerado uma escrita fonológica, mas na época tanto *kana* quanto *mana* podiam ser empregados pelo som e também pelo sentido; a distinção entre um e outro era sobretudo caligráfica (7, 8). A caligrafia *kana* era usada em situações informais, como cartas pessoais e poemas amorosos, e era dominante entre as mulheres, sendo chamada por isso de “mão feminina” (*onnade*); porém, sabemos que muitas mulheres aprendiam também a caligrafia *mana* e a escrita em chinês, inclusive as grandes autoras da literatura *kana*, Murasaki Shikibu e Sei Shōnagon. O espírito lúdico dos nobres os levava a criar complexos jogos de palavras, alusões, referências indiretas à natureza dos caracteres (7).

O padrão de beleza masculina, tal como valorizado pelas mulheres da corte, era bastante feminino; um personagem do Genji Monogatari é elogiado por ser “tão belo quanto uma mulher”. Homens grandes e rústicos do interior são profundamente desprezados, e as obras literárias mostram que o amante ideal era o delicado, refinado e sensível. Pouco se fala das características físicas das mulheres; a “feminilidade” é criada socialmente através da educação, das artes apropriadas, das roupas, dos modos, e não se dá muita atenção ao corpo em si.

As mulheres da corte viviam em uma posição social comparativamente vantajosa, se consideramos o padrão da história japonesa e as atitudes sexistas do budismo e do confucianismo. Elas podiam herdar e possuir senhorias, eram respeitadas nas artes, e cortejadas pela importância na “política de casamento”. Porém, eram ainda subordinadas aos homens, e a sociedade não dava espaço para que pudessem se sustentar sozinhas. Assim, uma preocupação feminina constante na literatura é encontrar um homem que garanta suporte econômico e administrativo. Isto é uma das razões que tornaram o personagem Hikaru Genji popular; ele não representa apenas uma fantasia de amor, mas também de estabilidade social. No sistema polígamo, era esperado de um bom nobre que ele sustentasse todas as suas damas.

Um elemento sempre presente na vida da aristocracia era a perspectiva de, em termos budistas, “abandonar as preocupações mundanas” e retirar-se como monge ou “freira” (*ama*). Esta condição por vezes era pouco mais que uma aposentadoria dos cargos administrativos, e muitos nobres continuavam levando uma vida hedonista depois de teoricamente tornarem-se monges. Outros, porém, levavam os votos a sério, cortando as relações afetivas e abrindo mão de novos relacionamentos; muitas vezes após alguma grande desilusão, ou problema financeiro ou político. Para muitos dos *bon vivants* do período Heian, a idéia de abandonar o mundo permanecia sempre palpável, matizando o cotidiano com a “impermanência das coisas”.

## Referências Bibliográficas

- 1 MORRIS, I. *The world of the shining prince: court life in ancient Japan*. Tokyo: Kodansha International, 1994. (Kodansha globe). ISBN 9781568360294.
- 2 FUKUMORI, N. Sei Shônagon's Makura no sôshi: A re-visionary history. *The Journal of the Association of Teachers of Japanese*, Association of Teachers of Japanese, v. 31, n. 1, p. pp. 1-44, 1997. ISSN 08859884. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/489680>>. Acesso em: maio de 2011.
- 3 FRIDAY, K. Teeth and claws. provincial warriors and the heian court. *Monumenta Nipponica*, Sophia University, v. 43, n. 2, p. pp. 153--185, 1988. ISSN 00270741. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2384742>>.
- 4 URY, M. A heian note on the supernatural. *The Journal of the Association of Teachers of Japanese*, Association of Teachers of Japanese, v. 22, n. 2, p. pp. 189--194, 1988. ISSN 08859884. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/488941>>.
- 5 CORDARO, M. N. H. Sobre a estética de okashi na tradução de O Livro-Travesseiro de Sei Shônagon. *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, v. 1, p. 127--138, 2006.
- 6 LAMARRE, T. *Uncovering Heian Japan: an archaeology of sensation and inscription*. Durham: Duke University Press, 2000. (Asia-Pacific). ISBN 9780822325185.
- 7 SEELEY, C. *A history of writing in Japan*. Leiden: E.J. Brill, 1991. (Brill's Japanese studies library). ISBN 9789004090811.
- 8 YODA, T. Literary history against the national frame, or gender and the emergence of Heian kana writing. *Positions: East Asia cultures critique*, Duke University Press, Durham, v. 8, n. 2, p. 465, 2000.
- 9 SHIKIBU, M. *The tale of Genji*. Tradução de Royall Tyler. New York: Penguin Books, 2003. (Penguin classics). ISBN 9780142437148.
- 10 SEI, S. *The pillow book of Sei Shônagon*. Tradução de Ivan Morris. [S.l.]: Columbia University Press, 1991. (Translations from the Oriental classics). ISBN 9780231073370.